

O ANO DA ENFERMAGEM



Por Jéssica Pretto

É por volta das 13h que a enfermeira Paula Aparecida Vieira faz seu intervalo de almoço. Após retirar os EPIs (equipamentos de proteção), ela vai até o estacionamento, entra no carro e abre a marmita ali mesmo. Com apenas uma cozinha sendo compartilhada com vários funcionários, o mais seguro é almoçar isolada. Há seis meses, a rotina não é a mesma. Ela chega no trabalho e vai direto a uma salinha reservada nos fundos, pendura suas roupas em um cabide e veste o pijama cirúrgico, avental, máscara N95, escudo facial, touca e luvas. “Depois de se paramentar, se der vontade de ir ao banheiro tem que segurar o que puder”, relata a enfermeira. Já se tornou comum ter o rosto marcado pela máscara N95, mas não poder abraçar a filha de 8 anos quando chega em casa não é algo a que ela consegue se acostumar. Paula carrega, diariamente, o medo de contrair a doença e transmitir para a família.

Patrícia Camilo Ferreira, de 46 anos, é técnica em enfermagem e viu o medo se tornar realidade. Ela testou positivo para o novo coronavírus. Com sintomas fortes, ficou internada por oito dias. “Não sabia como meu organismo iria reagir e o receio de não sair do hospital tomou conta de mim”, conta Patrícia. Curada e de volta ao trabalho, lamenta por quem não teve a mesma sorte. “O pessoal da enfermagem é quem fica o dia todo com o paciente, faz a higiene e cuidados. Acabamos sendo os que mais pegam a doença e também os que mais morrem”.

O Brasil é o país onde mais morrem profissionais da enfermagem por conta do vírus. Segundo o Conselho Federal de Enfermagem, em três meses, o número de enfermeiros e técnicos mortos pela Covid-19 triplicou. Eles se contaminam três vezes mais do que os médicos. O risco de contaminação é

proporcional às atividades que a categoria exerce, já que são responsáveis pela assistência direta ao paciente. Por coincidência, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou 2020 como sendo o ano internacional da enfermagem e obstetrícia, o que foi designado pela Assembleia Mundial da Saúde de 2019. O objetivo da iniciativa é reconhecer o trabalho desses profissionais e defender investimentos que melhorem as condições de trabalho e o desenvolvimento pessoal dessa categoria. Segundo a OMS, o mundo precisa de mais 9 milhões de enfermeiras(os) e parteiras para atingir a meta de cobertura universal de saúde até 2030.

A enfermeira Carmen da Silva caminha pelos corredores do hospital, até chegar na sala onde realiza a triagem dos pacientes. Ela se senta, abre a lista de pessoas na fila e, assim, começa mais um plantão. Recentemente, ela perdeu uma colega de trabalho, que morreu após ficar um mês internada por conta do coronavírus. “Nós trabalhávamos juntas há mais de dez anos. É muito triste chegar aqui e saber que não terei mais a companhia dela”, relata. Mesmo com a tristeza e angústia, ela segue sua rotina de trabalho. “Minha profissão é essa, que eu escolhi e segui com dedicação. E nesse momento que mais precisam do meu trabalho, apesar das dificuldades, é gratificante saber que estou sendo responsável por ajudar muitas pessoas”.

Antes da pandemia, a técnica em enfermagem Fernanda da Costa Dias saía do trabalho e ia tomar um café na casa dos pais, idosos. Hoje ela vai direto para sua casa, onde mora sozinha. O contato com a família é pelas chamadas de vídeo. A solidão virou realidade e é um desafio diário. “Estamos toda hora vendo a doença de perto: gente internada, morrendo. Depois ir pra casa, sem poder ver a família, o psicológico fica abalado”, afirma Fernanda. Ao fim de um plantão de doze horas, ela suspira de alívio. “Hoje o cansaço bateu, foi difícil. Mas penso que é menos um dia de luta, e mais um dia perto do fim dessa pandemia”, desabafa. Como diz o grande Guimarães Rosa, “o que a vida quer da gente é coragem”.

